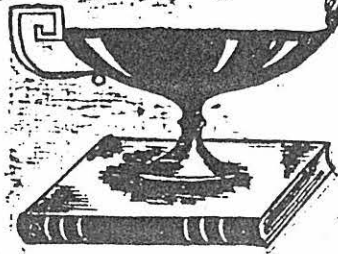


LUZEIRO



CIENCIA - FILOSOFIA - RELIGIÃO

O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela
Editora "O LUZEIRO" Ltda.

DIRETOR RESPONSÁVEL:
Eng. Clovis Bladaschia

SUPERVISOR:
Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:
Eng. G. E. Malschitzky

SECRETÁRIO:
Socrates H. de Oliveira

TESOUREIRO:
Luiz Boschetti

A REVISTA NÃO SE RESPONSABILIZA PELAS
OPINIÕES EMITIDAS EM ARTIGOS ASSINADOS.

SUMARIO

A Palavra Volupia e seus
Derivados

Porvir

Os Seis Sistemas de Filosofia
Indú

Mas rezar, é preciso

O Que dizem os livros

A Misteriosa e Tradicional
Medicina Chinesa

O que eram os bardos

Leonardo Da Vinci

A Musica Yogi e suas virtudes
Horóscopo

Redação: Av. Industrial, 52 - 1.º andar — SANTO ANDRÉ' — E. F. S. J. — S. Paulo — Brasil
Representação em São Paulo; RUA DA LIBERDADE, 47 - 1.º andar - Fone; 35-2785

A Palavra "Volupia" e seus Derivados (1)

LAURENTUS



"Voluptuoso", "Voluptuosa", em tôdas as línguas herdeiras da letra, mas nunca do elevado espírito pagão, é um adjetivo equivalente a mole, brando, afeminado, sensual, libidinoso, lascivo, etc. Aplica-se, pois, a quantos sejam atraídos pelos deleites carnis, estendendo-se, do mesmo modo, a tudo que para eles incline ou seja atraído, provoque ou fomenta. É, finalmente, o obscuro, o lúbrico, o torpe, o impuro. "Voluptuosidade" é, portanto, um substantivo feminino que indica moleza, feminilidade, libidinosidade e corrupção de costumes. É representada na mitologia como uma divindade alegórica, sob a figura de uma mulher jovem, formosa e despida, coroada de flores, e oferecendo libações em uma taça de ouro, onde bebe uma *serpente*. Outros a pintam estendida num leito de flores, de olhos ardentes e lascivos, trazendo um globo de cristal com *asas*, outras vêzes um *caduceu*, formando assim o protótipo do mal, da baixaza passional e do vício... É desse modo que as enciclopédias e dicionários dos povos chamados "civilizados" expressam o termo em questão. Vejamos agora o reverso da medalha, ou antes o seu nobilíssimo e pristino significado, dando a palavra aos clássicos:

"Voluptas, voluptatis", feminino equivalente à suprema alegria celeste ou *laetitia*... "Dicitur tam de ânimo quam de corpore; tum de bona *voluptate*, tum de mala. Omne id, que gaudemus *voluptas* est ut omne quo offendimur dolor" (Cícero, 2, c. 37). "*Voluptatis* verbo omnes qui Latine sciunt, duas res subjiciunt, laetitiam in animo, commotiones suavem jucunditatis in corpore" (Ib. 1., 2, c. 4). "Divinus Plato escam molorum *voluptatem* appellat, quod ea vide licet homines caplantur, ut homo pisces" (Ib. 1; Seneca, c. 13), etc.

Como se vê, o contraste é flagrante; por essa razão, "Voluptas", na sua pristina acepção, é personificada como uma

deusa casta e pura (Vênus Afrodite), nascida da união ou "hipóstase" da alma humana com seu Ego Superior ou Divino, Chispa da Chama do Logos, que anima o Cosmos. Em tal sentido, o único e verdadeiro, equivale à emoção inefável e transcendente; à elevação superhumana da alma; ao deleite divino, *epoptéia*, êxtase, amor suprassensível e místico, compenetração íntima com a Divindade (ou a *Teofania* entre os neo-platônicos), que pulsa em todos nós, como diria Schopenhauer, ou a posse do lugar no *Banquete dos Deuses*; o estado de transfiguração de Jesus no Tabor, quando "suas vestes se tornaram como a transparência da neve, e sua face brilhava como o Sol"; estado, por sua vez, presentido por Santa Teresa em suas "Moradas", idêntico a de outros muitos místicos das diferentes religiões, e do qual Plotino desfrutou apenas seis vêzes na sua vida, mas em que o grande místico Ramakrishna vivia quase permanentemente, e ao qual, em verdade, se pode dar o nome de *Samadhi*, segundo as mesmas escrituras orientais, comparável em vida ao de *Nirvana* depois da morte.

Vênus, *Venúsia*, *Venézia* ou *Veneza*, *Voluspa* ou *Volúpia*! O "vão nupcial da abelha humana", em busca do Divino! *Valisméria de asas*, também que abandonando as águas *tamásicas* da Terra, transforma-se em *Deva* ou Anjo, para conduzir o *rajásico* Véu de noiva, com o qual se vai unir ao *satvico* Tabernáculo superior, onde se acha o *Supremo Arquiéto* (2).

Vanitas, *Vanitatis* ou *Vanitatem*, por sua vez, é dado aos nobres e *insignes*, principalmente se de braços dados com o verdadeiro *Orgulho*, cruzam o divino Portal dos Imortais, dando ingresso nos reinos gloriosos da AGARTHA. Sim, porque os dois irmãos gêmeos caóticos, que se chamam *orgulho* e *vaidade* (terrenos) não permitem outra união que não

(Conclui na pag. 18)

PORVIR

Mario Roso De Luna

"Los astros inclinam, pero no obligan"

Um Mestre dizia, em carta, a Mr. Sinnett: "Sinto-me contrariado ao ter que empregar as palavras "presente", "passado" e "futuro".

E se compreende, porque existem poucos conceitos mais vagos ante a verdadeira filosofia, não obstante sua simplicidade aparente, razão pela qual a Humanidade vem batalhando sobre eles, especialmente sobre o último.

O que é, com efeito, o presente? Um relampago, um instante fugaz, um limite tenue, entre o passado e o porvir, e dotado como tal de toda a falta de consistência lógica que a Matemática apresenta na teoria dos limites. Por isso diz-se no Oriente que tudo é "Maya", ilusão de um dia...

"como el heno

a la mañana verde,

seco a la tarde"

que, plagiando a Job, cantou um de nossos poetas.

O "passado", por sua vez, é algo que deixa de ser "presente", que começa a turvar-se, a se nublar desde a origem, caminhando da esfera conciente para a inconciente, onde acaba por desaparecer de nossa memória, e por isso outro poeta, Jorge Manrique, pôde dizer em sua famosa elegia:

"Nuestras vidas son los rios

que van a parar al mar,

que es el morir:

Alli van los señorios

derechos a se acabar

e consumir"

Será por isso que os remotos passados, que para nosso atual organismo físico constituem o que chamamos "anteriores existências", não são recordados por nossa mente tão pouco evoluída? Em verdade, quantas cousas de nosso passado já se encontram completamente esquecidas como si nunca houvessem existido: as mil frivolidades de nossa vida vulgar, as dezenas e centenas de conhecidos que passaram pela nossa esfera emotiva sem deixar impressão alguma durável, a ponto de termos esquecido as fisionomias e os nomes deles! Não fóra esta lei e o homem menos culto resultaria em um sabio si se recordasse sempre daquilo que viu ou aprendeu algum dia...

Porém, o ponto mais grave, filosoficamente, é o do "porvir" ou "por vir": mistério tremendo que apaixona até o mais céptico e indiferente. "Quem saberá o futuro!", exclamamos todos diante dos grandes e pequenos problemas de nossas vidas. A adivinhação, o dom da profecia, a clarivisão das obscuridades do amanhã, pleno de dores e de alegrias, tem tentado em todos os tempos aos humanos, entregando-os indefesos à perigosíssima apelação às ciências ocultas que dizem poder adivinhá-lo, com a mesma segurança que hoje temos para predirer um eclipse. E a quantas dôres não se pouparia a humanidade, si em tamanha tentação não encoresse! Existem duas cousas: o sonho e a ignorancia do porvir que, mais que uma limitação ou um castigo, parecidos, de acôrdo com os clássicos romanos, um inestimável dom que aos mortais outorgaram os deuses.

"Basta a cada dia o seu próprio trabalho", disse-nos Mar-

tinez de la Rosa. "O pão nosso de cada dia é o único que deve ser pedido, ou melhor dito, conquistado", acrescenta o evangelho. "Não vos preocupeis pelo que ha de ser de cada um de vós amanhã; quem veste os lírios do campo", etc., ensina S. Mateus, preconizando uma doutrina que muitos repudiam como imprevisora por não precisarem bem o alcance das palavras estabelecendo acertadamente a diferença que ha entre "ocupar-se" — todos devemos ocupar-nos seriamente do "amanhã" que é filho de "ontem" e de "hoje" — e "pré-ocupar-se", isto é, entregar-se a cogitações danosas, a angustias e ansiedades estereis, a preocupações torturantes por cousas que podem talvez vir e talvez não, ou que, si fatalmente viessem, como vem a morte, chegam com a doce lógica de todos os fenômenos naturais e as vêzes com prévia o salvadora inconsciência, como o falecimento em idade avançada, que, mais que um morrer, é um "dormir e voar ao lado de nossos maiores que se foram", segundo frase bíblica.

Os animais não se preocupam pelo porvir. De uma maneira sensível parece obedecerem, inconcientemente, à uma lei natural que os leva tutelarmente a entrarem em harmonia com os demais seres, pelo que o conselho anterior pareceria como uma recomendação de retorno imitativo ao mundo animal, cousa que, naturalmente, está muito longe de nosso pensamento.

Não. O ocupar-se do porvir não deve significar para nós o integrar-nos inertes e inermes à Lei Natural ou "Karma", para que ela aja em nós de um modo fatalista, sinão em planejarmos viril e sabiamente os problemas de nosso futuro, mediante a "virtude" que é qualidade de varão e mediante o conhecimento, cuja conquista deve ser obra de nosso esforço heroico.

Tem sido dito repetidamente, que somos os creadores de nossos próprios destinos, pois que "deuses somos e disso estamos esquecidos". Isto quer dizer, de certo modo, que o porvir não existe, nem estamos, portanto, mais predestinados a esta cousa que àquela, que foi criada, previamente, por nós mesmos. Pensar outra cousa é pura e simplesmente "superstição", "fatalismo". Neste erro encoressem, com frequência, até os homens mais espiritualistas, que, no fim de contas, são homens...

Porvir vem do "per-venire" latino, o que está por chegar, verbigracia os anos sucessivos, marcados já de seu modo fatal, ou de "presente na eternidade", pelo movimento das Esferas, porém se, consideramos o Universo como um ser vivo, ainda assim este porvir é contingente e não necessariamente falta ou necessário, porque algum dia a Terra morrerá e não haverá para ela mais anos.

Há outro verbo latino, origem do "devenir" francês, e é o verbo *de-venio, de-venis, de-venire*, "vir de cima para baixo", isto é, evoluir, manifestar biologicamente em planos inferiores o que já existe em planos mais elevados. Assim evoluem todas as cousas que vão cristalizando desde o mundo das idéias abstratas até o das concretas; destas às emoções e, enfim, à realidade física, percorrendo logo em seguida um ciclo inverso. Porém, em toda esta sempre imensa trajetória, melhor dito, ilimitada trajetória, o "devenir" pode ser interrompido em sua marcha de cristalização, ou manifestação, e... não "venir".

Um exemplo, por muitos: certo homem é fulminado por um raio. Nossa mente semi-animal não vê neste triste fato senão a realização de algo que fatalmente estava no porvir da vitima, posto que, por fim, veio. Todavia, o raio não fulminou sem prévia tormenta, cujas nuvens passaram horas ou dias pela evolução de serem primeiramente finos estratos filiformes, depois, sucessivamente, cirrus, cumulus,

(Continua na pagina 19)

Os Seis Sistemas de Filosofia Índia

INTRODUÇÃO

A filosofia indú, cuja origem é muito anterior à Era Cristã, abraça todos os domínios do pensamento humano e indica, por meio de um raciocínio lógico, apoiado na Verdade revelada nos Vedas, um método de libertação da Alma, da cadeia das existências terrestres, fontes de todos os sofrimentos. Esta libertação



também podemos chamar de evolução da Alma até um grau de perfeição que as encarnações já não lhe sejam mais necessárias, havendo continuidade de existência.

A libertação se obtém; 1.º) Com o auxílio do conhecimento que destrói a ignorância, Avidya, causadora de todos os sofrimentos. Donde a necessidade de estudo, meditação e assimilação de um sistema filosófico que, por encerrar a Verdade, pôde conduzir à libertação. 2.º) Mediante uma vida de conformidade com a filosofia que se professa, porque a utilidade da filosofia não é mais do que servir de guia na vida. Por isso mesmo, na Índia, não se alcança a consideração de filósofo si não se ajusta os atos ao sistema que se professa.

O saber filosófico indú, contido na parte dos Vedas que se chama Upanishads (Ciência Suprema), foi coordenado em Seis Sistemas, ou Shad-Darshanani isto é, os seis (Shad) pontos de vista.

Os sábios da Antiga Índia se propuzeram em suas meditações: 1.º) Buscar o UNO, a Realidade Imutável, base do Universo fenomenal; 2.º) Buscar a Origem última de todos os fenômenos da natureza; 3.º) Compreender o fim da existência terrestre; 4.º) Determinar a relação da Alma humana individual com a Alma Universal, com o Uno, com a Realidade Espiritual Suprema, chamada Brahman.

Assim, pois, cada um dos Seis Sistemas de filosofia indú, é, por sua vez, uma Ciência e um Guia para a evolução da Alma.

Os Shad-Darshanani, são: 1.º. O Vaysheshika (particularidades); 2.º. O Nyaya; 3.º. O Purva Mimansa (primeira meditação); 4.º. O Sãmkyá; 5.º) A Yoga de Patanjali (união); 6.º) A Uttara Mimansa ou Vedanta (última meditação). A primeira é a ciência da Matéria; a segunda, a ciência da Razão; o Purva Mimansa é a Ciência da Ação; o Sãmkyá, a da Evolução; a Yoga se ocupa da União; e a Vedanta é a Ciência de Deus, da Alma ou do Abstrato.

Considerados como Guias da Evolução, cada sistema ensina o aperfeiçoamento dos princípios constitutivos do homem, correspondentes a planos e aspectos particulares do Universo (visível e invisível) que se estuda.

O aperfeiçoamento consiste; 1) No domínio do corpo ou dos princípios inferiores; 2) No desenvolvimento dos princípios superiores.

Cada sistema ensina: 1) A dominar os planos ou mundos inferiores; 2) A adquirir o conhecimento do Eu e dos planos superiores do Universo.

Os planos do Universo têm seus correspondentes princípios no homem. Estes Planos do Universo, que não se superpõem, mas, se interpenetram, são, do mais

sutil para o mais grosseiro: Atmã, Budhi, Manas, Vital (Astral) e Físico. Além destes cinco planos existem dois outros, superiores ao Atmico, que são o Paranirvana e o Maha-Paranirvana, que são ainda inatingíveis.

Os correspondentes princípios no homem, são, também do mais sutil para o mais grosseiro; Atmã (Espírito), Budhi (Alma Espiritual), Manas (compreendendo Manas Superior ou Alma Humana e Manas Inferior ou Alma animal), Vital (também conhecido como Astral ou veículo das emoções) e Físico (compreendendo o Etérico, ou veículo ilusório de Prãna, ou da vitalidade, e o Físico propriamente dito que é o veículo da ação).

Cada sistema filosófico corresponde a um desses planos ou princípios, salvo o Sistema Sãmkyá, que serve de ligação entre os três planos inferiores e os três superiores. O Vaysheshika diz relação ao corpo etérico; O Nyaya relaciona-se com a Razão ou Manas Inferior; o Purva Mimansa, ao mundo moral e ao princípio Kama-manasico; o Sãmkyá, refere-se à evolução dos mundos, à libertação de Purusha ou Ego de seus princípios inferiores; A Yoga de Patanjali trata do desenvolvimento final do Intelecto ou Manas Superior, afim de alcançar a consciência do Eu no Corpo Budhico (Corpo Crístico), que é a União da Alma ou Ego com Deus ou Atmã (donde eu-cristia ou eucaristia união), a Vedanta se refere ao desenvolvimento do Intelecto, Manas Superior, e do Princípio Budhico, afim de elevar a consciência do Eu até o plano Atmico e chegar a sentir a identidade do Atmã do homem com o Atmã Universal, isto é, a identidade do Raio com a Fonte de Luz de onde emanou.

(Continua no próximo número)

A ORIGEM DAS PIAS DE AGUA BENTA

Nos tempos primitivos da Igreja, os fieis, na intenção de traduzir simbolicamente a ideia da pureza com que deviam apresentar-se diante de Deus, criaram o costume de colocar no exterior dos templos grandes tanques cheios de água, onde lavavam as mãos e os pés antes de entrar no lugar sagrado. Mais tarde, quando as tradições primitivas se desnaturaram e esfriaram as ideias religiosas, os tanques perderam as suas dimensões e, afim de os pôr ao abrigo das profanações, foram colocados, primeiro debaixo dos porticos e depois no interior das igrejas mas sempre perto da porta. Estes tanques, assim reduzidos, são as modernas pias de água benta; onde se molham apenas as pontas dos dedos.

A MEU entender, nosso século ao fazer-nos acessível a literatura sânscrita veio prestar à humanidade um benefício comparavel a quanto mais hajam conseguido os passados seculos.

O conhecimento da filosofia indú exercerá, creio, sobre os seculos futuros uma influencia não menor que a do renascimento da literatura grega no século XV.

— SCHOPENHAUER

—000—

OS CANTOS populares são a voz vivente dos povos e da humanidade mesma. — HERDER

Mas rezar, é preciso

I. L. P.

Berel, o alfaiate, afinal conseguiu que o filho médico voltasse para casa. Ele iria praticar na cidade natal. Doentes não faltariam!

O filho chegou na sexta feira. Sabado o pai quiz que ele o acompanhasse na sinagoga.

— Não irei papai! disse o médico,

— O que? envergonhas-te, por acaso de andar em minha companhia?

— Deus me livre! Tens cada ideia, pai...

— E pensas então que um médico não tem por que louvar a Deus nem o que lhe pedir?...

— Não é isso, papai! Mas eu não quero ir!

— Eu gostaria de saber porque.

— Se queres, seja! Senta-te, e eu te explicarei

porque.

— O velho largou o talit e sentou-se.

— Bem... Imagina, papai, que és tão rico que alguns rubros não te façam diferença...

O pai suspirou. Para fazer do filho um médico, penhorara tudo o que possuía. Tivera uma casa. Lá se fora. Estava sem serviço, pois vendera as máquinas de costura.

— E então? disse ele, suspirando profundamente

CONFERENCIA INTERNACIONAL DE ANTROPOLOGIA

(Dos jornais)

De acordo com parecer de cientistas reunidos em Nova York, para a Conferencia Internacional de Antropologia, o homem já vivia no Hemisfério Ocidental quando a cultura europeia mal emergia da caverna.

Antropologistas da América Latina, Europa e Estados Unidos apresentaram trabalhos, a propósito á Conferencia promovida pela "Wenner Gren Foundation". Muitos concordaram em que a idade do Novo Mundo tem sido sub-estimada e que a do Velho Mundo tem sido calculada em excéso.

Os cientistas concordaram que os ancestrais dos atuais indios do Hemisferio Ocidental chegaram da Asia pelo menos ha 20.000 anos A. C.. isto é, por volta do do começo da cultura na Europa, segundo os ultimos dados.

As ultimas pesquisas têm demonstrado ser a cultura europeia mais nova do que se supunha e a cultura do Hemisfério Ocidental, mais velha do que se imaginava.

Um antropologista dr. Alex D. Krieger, da Universidade do Texas, por sua vez, calcula que havia habitantes no Hemisfério Ocidental, no último periodo glacial, ou há uns 40.000 anos atrás. De acordo com a exposição de Krieger, o homem veio da Asia quando os mares eram 250 pés mais razos que hoje. Outros cientistas preférem admitir que o homem do Hemisfério Ocidental teria vindo da Africa(*).

(*) Nôta da redução: Bernardo Ramos, cognominado o Champollion Brasileiro, em seu infatigaveis estudos arqueológicos por todo o Brasil, conclui, pelas inscrições rupéstrés encontradas (em particular na Pedra da Gavea), terem existido em outras épocas, no Brasil, civilizações de origem Fenicia. Sobre o assunto e tambem sobre o mistério da lendaria Atlantida, prometemos, aos leitores de O Luzeiro, para breve, a publicação de alguns trabalhos.

— Bem, és rico, e em frente a tua casa mora uma viuva. Uma viuva fraca, enferma, e por cima carregada de filhos. Tens de ajuda-la.

— Naturalmente eu a ajudaria!

— Aguardarias, por acaso, que a viuva te supplicasse, desmaiasse aos teus pés ou derramasse rios de lagrimas?

— Deus me livre! Para que? Se eu sei...

— E Deus será melhor ou pior do que tu?

— O que dizes? que pergunta!

— Pois bem! triunfou o filho médico. Se Deus é melhor, ele sabe por si proprio das necessidades de uma pobre alma, fraca e enferma. E não ha de esperar pelas súplicas da mesma...

— Mas...

— Louvar a Deus, queres dizer?

— Sim...

— Bem. O que dirias, papai, se alguém se prostatesse diante de ti, elogiando-te aos teus propios olhos: O ótimo e abil alfaiate! Honesto alfaiate! Mas que alfaiate admiravel! És um autentico alfaiate! Um alfaiate incomparavel!

-- Ah! disse o velho com impaciencia, Da vontade de vomitar!

-- E sabes porque? porque não és nenhum tolo, para te comprazes com elogios fúteis. E tu és apenas um ser humano. Uma debil criança humana, a quem os insultos podem prejudicar e os louvores ajudar...

-- Mas...

-- Não há mas! Não há mas, papai! Deus é mais perspicaz do que nós. Pensa que precisa de nossos louvores? Ele não precisa de ouvir, três vezes por dia, a mesma ladainha: Habil alfaiate, ótimo alfaiate!

-- O que dizes?

-- Seja: Deus é habil, Deus é bom, criou ele o céu e a terra... Não saberá ele disso melhor do que ninguém?

Refletindo por alguns momentos, o velho exclamou de repente:

-- Tudo está certo! disse ele. Mas rezar, é preciso!

RENÚNCIA

Alumia o caminho ao teu irmão e não cuides que ele distinga quem lhe trouxe a luz.

Estende a mão amiga ao que caiu na estrada e não te preocupes se ele te não fitar o semblante condoído.

Dai de beber ao que tem sede de Verdade, e não te revoltas se ele esquecer a fonte que lhe restituiu a vida.

Espalha por toda a parte, num gesto largo de desprendimento, o amor, a doçura, a alegria de uma palavra sã, o estímulo de um exemplo forte.

Tem para cada dôr um lenitivo, para cada falta um perdão, para cada sofrimento um alívio, e não esperes nunca um gesto unico de reconhecimento.

Lembra-te de que cada beneficio feito já tem em si a sua propria recompensa.

Que a tua Conciencia Superior seja o unico juiz e o teu refúgio melhor nos momentos de qualquer perturbação. Só assim afastarás de ti o calice da amargura, e viverá na plenitude da paz porque estarás acima do Bem e do Mal.

A. P. B.

Que dizem os livros

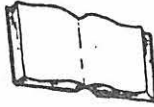
¶ pelo livro e não pela espada com que a humanidade vencerá a mentira e a injustiça e conquistará a paz final da fraternidade entre os povos - EMILIO ZOLA

Minha família são os livros, meu lugar, qualquer biblioteca. Quizera que a humanidade houvesse falado um único idioma em todos os tempos, para ler os livros de todos os povos. A paixão pelo livro me tem proporcionado dias de infáveis gótos e de pezares sem conta. Porque um livro, como uma mulher, também ama como aborrece, entrega-se ou resiste, é fiél ou inconstante, acaricia ou maltrata, faz rir ou chorar, e, as vezes, dormir profundamente.

Em minha primeira idade amei todos os livros, sem distincão de séxos nem categorias. Alguns, os de literatura, corresponderam a meu profundo aféto, me amaram; com outros, como os de matematica..., não pudemos entender-nos nunca. Romeu e Julieta gozaram de uma paz otaviana em seus amores, comparando suas desditas com as que a mim me proporcionaram outros Capuletos e Montescos, não menos tenazes e cabeçudos. Primeiro os os meus parentes, os quaes punham o grito no céu sempre que me achavam com um livro nas mãos, a seguir meus amigos, que nunca me deixaram gosá-los tranquilamente, e por ultimo, as mulheres, cuja afeição a leitura não ultrapassa os limites do folhetim. Quantas heresias me fizeram! Como me aboreceram com suas burlas! Em muitas ocasiões foi a desigualdade de fortuna que me impedio gozar do objéto amado. Como o celibatário, que aborrecido das quatro paredes de sua casa procura na de um amigo a alegria e o calor que na sua lhe faltam, assim eu, em minhas épocas de penúria, recorri às bibliotecas de meus companheiros. Estas leituras de livros já conhecidos, eram como renovação e recordação de antigos amôres, os quaes, muitas vezes, terminavam em cruéis desenganos

O livro é filho do papel e da tinta. A negrura da tinta expressando a clareza da intelligencia! Assim deve ter saído o mundo do caos. Os sentimentos do homem confiados à debilidade do papel! Quem duvida que o amor é heroico? O livro em mãos de um livreiro é um escravo; os livros não deveriam ser vendidos; deveriam ser solicitados, e seu autor ser considerado como filho dos deuses. O livro em mãos inesperientes é um martir; a toda pessoa que se ensina a ler conviria ensina-la, antes, a tratar com os livros, do mesmo módo que se educa as crianças ao mesmo tempo que se instrue. Em prestar um livro é ser cúmplice de adúlterio; o que o rouba efetua um rapto; quem o vende o protistue.

O livro na vitrina é uma jóia; envolto em papel, uma mercadoria; no bolso, um recurso; sobre uma mesa, um enfermo; no sólo, um cadaver; na biblioteca, uma múmia, e na mão, ha! na mão, é um livro. Um livro antigo infunde respeito; vélho, causa compaixão; sujo, parece um empestiado; rôto, parece chorar, e novo se o vê sorrir. Seria conveniente que os livros, creados pelo fôgo da intelligencia, fossem, depois de velhos, entrêgues ao fogo da Natureza; a mãe ama a seus filhos; porque não devolve-los? Seria um triplíce fiat lux: o da criação, o da vida e o da mórte. Um livro fechado é como uma noite estrelada: quando se o abre, amanhéce; o ato de cortar suas paginas tem algo do parto ou do defloramento; quem o olha, o acaricia, o beija; lê-lo é orar; compreende-lo é fortalecer-se. O livro mal encadernado é uma pessoa mal vestida; parece-se a uma



mulher feia se está mal impréso; com erratas, é uma formôsa têla com remendos velhos e de côres diferêntes; com dôbras, paréce um mendigo; quando a impressão é desigual, toma fôrmas horríveis assemelhando-se a um homem que, além de torto, fosse côcho, manco, corcunda e sem dentes nem pelo. Quanto mais bêlas condições tipográficas tem um livro, tanto mais ganha o leitor; a letra clara e ampla dá clareza aos pensamentos; fala-nos emvóz alta quando os caractéres de imprensa são grandes, e muito baixinho quando são pequenos. A capa de um livro é sua fisionomia. O corpo do livro é a margem; a alma, o impréso; sua idade, a paginação; o título, seu nome. As gravuras são uma ostentação; paréce que, antes que os leais, já estão dizendo: "Olha que grande coisa eu sou! Qué belezas possúo! Que cousas tão lindas eu conto! Os com gravura são os séres mais indiscretos, mais inoportunos e mais impertinentes que conheço; não têm seriedade nem educação. Revelam antes do tempo segrêdos que só o leitor deveria descobrir; confundem os acontecimentos; desfiguram os personagens e dão por terra com o interesse da narração. Quem não souber ver com o entendimento, que feche o livro. O que vê com a fantasia aquilo que lê, sempre o imagina mais perfeito e acabado que o lápiz e o buril pôdem fazê-lo. Lêr é pensar e sentir, não apenas olhar. Os livros com gravura são bons para as crianças e mulhêres... Os livros grandes me inspiram tanto mêdo e temor, que os colocaria em um atril, como em um altar, e leria suas páginas com toda a veneração. O livro em brochura é o livro por excelencia. O hospital dos livros é a officina do encadernador. Um livro em pergaminho é um icterico; os livros de lúxo são a nobreza da classe, os de escôlas e universidades apenas são livros. Um livro encapado é como um ser enterrado em vida; sua capa é como a losa do sepulcro, sobre a qual e em letras douradas, lê-se seu epitáfio. Não ha nada tão semelhante a um cemiterio como uma biblioteca de livros encapados. O livro em brochura é comunicativo e espontâneo; em qualquer lugar que se o colôque nos sorri, e por entre suas brancas margem deixa escapar alguma palavra, ensina uma frase, com a qual nos provôca e atrae. O livro encapado, metido em si mesmo, se acha sempre fechado a pédra e cal; mostra-nos uma superficie dura e compacta como uma pédra; não tem expressão nem diz nada paréce que está voltado de cóstas, que nos desdenha; tem cara de poucos amigos. Um livro em brochura é flexivel, adapta-se a vossos gótos; paréce que as palavras estão saindo do papel, que as folhas voltam-se por si mesmas, que desejam agradar-vos e seaeem vóssas, vóssas até a ultima gota de seu sangue. Um encapado vai-se de entre as mãos; está sempre querendo escapar; ao menor descuido se fecha e deixa-nos com a palavra na boca; não podeis leva-lo a parte alguma sem grandes aborrecimentos e dificuldades. O livro em brochura é o livro de meus amores, meu amigo inseparavel; onde quer que vá me acompanha; umas vezes no bolso, outras nas mãos, nunca debaixo do braço; levo-o comigo e fala-me a todas as horas; dorme a meu lado, come a minha minha mesa, juntos fazemos visitas e pela rúa, em meio á barafunda de veiculos, bondes, carros, auto-onibus e pessoas que a cruzam em todos os instantes do dia, tenho-o antes meus ôlhos e o leio tranquilamente palavra por

Æ Misteriosa e Tradicional Medicina Chinesa

A Acupuntura e suas bases. Os Dois Princípios Universais equilibrantes e sua manifestação no homem: Yang e Yin.

Nestes últimos anos, vem aparecendo nos principais centros médicos da Europa, um grande interesse pela prática milenar da medicina chinesa — a Acupuntura (*Acu*: ponta e *puntura*: picada), que consiste em curar ou evitar doenças, mediante aplicações de agulhas sobre determinados pontos da pele. Da simples curiosidade, este método, passou para o campo da investigação profunda e, das observações e estudos subsequentes, acabou por conquistar o direito de cidadania entre os modernos métodos terapêuticos.

Se quizessemos procurar a origem da Acupuntura, deveríamos, ao que parece, remontar à era neolítica quando os chineses a praticavam usando agulhas de pedra; vem depois a descoberta do cobre. No ano 2.600 A.C. o Imperador Houang Ti, ordena a substituição da pedra "pelas agulhas misteriosas de metal", como diz a declaração do soberano aos médicos da corte, "por melhor dirigir as energias".

Da prehistória passamos à história, e, no curso dos milênios a medicina chinesa, tem recolhido inúmeros informes de sua doutrina e de suas observações, na qual a Acupuntura é feita largamente; mas esta ciência, permaneceu ignorada ao Ocidente por muitos séculos. Em nosso tempo, as precisas e detalhadas divulgações, deve-se ao francês Mourand, que levou a ciência de nossos dias a dar maior atenção a esta velha prática chinesa.

Para se ter uma idéia dos fundamentos essenciais deste estranho e antiquíssimo método curativo oriental, é necessário nos determos na concepção filosófica-científica e esotérica da Vida, do Universo, do Homem — segundo a doutrina chinesa atribuída a Lao Tzeu (Lao Tsé) — encontrada no tradicional e milenar Livro Tao-Te-King.

"Há um Princípio Único, Imanente, Eterno, que preside todas as coisas, sem ser presedida por nada. Deste Princípio que não tem nome, e, se pudéssemos dar um nome seria TÃO — O Caminho — tudo promanou. Este Princípio para exteriorizar-se, para dar manifestação a um Universo, necessita polarizar-se, e estes Pólos da Manifestação, são denominados pela tradição chinesa de YANG e YIN — isto é, O Espírito e a Matéria, o Pólo Positivo e o Negativo, o Pai-Mãe dos Mundos".

Em alguns capítulos do Tao-Te-King, lê-se:

1 — O Tao de quem se pode falar, Nunca é o Tao Absoluto.

2 — Os nomes que podem ser dados, Nunca são os verdadeiros nomes.

3 — Fóra do Tao nasceu o Um — Fóra do Um nasceu o Dois. Fóra do Dois, nasceu o Três — Fóra do Três, criou-se o Universo.

4 — O Universo carrega o Dois: Yang e Yin.

5 — Através da união destes dois princípios penetrantes, a harmonia é obtida.

Temos aí, nestas sentenças, não só uma descrição sumária do processo criador, como também, a idéia de que todo o Universo está sujeito a estas duas forças antagônicas e equilibrantes: Yang e Yin. Yin, simboliza o princípio feminino, plástico, receptivo, negativo e lunar — que na simbologia tradicional chinesa é expresso pelo Dragão Verde, que se opõe ao Dragão Vermelho, Yang, ou o aspecto masculino, ativo, positivo e solar da manifestação ou do Universo.

Este axioma é puramente cabalístico e expressa a har-

monia dos contrários. É a chave da Harmonia Universal. Yang e Yin, as cargas positiva e negativa contrapõem-se. *Eis o que mantém erecto o Fiel da Balança Cosmica e Humana.*

Com o correr dos tempos, estes conceitos metafísicos, se cristalizaram nas Leis, que rege toda a Magia Chinesa — (incluindo-se a Medicina) que sinteticamente vamos enunciá-las:

1a. — Todo o ser vivo contem dois princípios naturais: um é o calor primordial ou a energia radiante — é Yang; e o outro é o humido radical ou a energia absorvente — é o Yin.

2a. — Toda a rutura de equilíbrio, toda a diferença de potencial no condicionamento atual do Yang e Yin, cria, em torno do ponto onde se produziu, uma zona de influência suscetível de impressionar, por simpatia ou ressonância, os elementos do meio ambiente.

3a. — A quantidade existente no mundo é constante. Conserva-se indefinidamente e não se perde.

4a. — O que está em baixo é como o que está em cima.

5a. — Destaca-se de todos os corpos um enxame de átomos, uma atmosfera de corpusculos, que têm tanto mais força e atividade, quanto menores forem. Há vapores que se elevam do sólo, como ha os que descem das nuvens e dos astros. São levados pelas azas do vento.

6a. — Os corpusculos emanados dos corpos e disseminados no ar, guardam, embora sejam invisíveis, a natureza do corpo do qual se separaram. Constituem uma radiação que se propaga numa direção particular a cada corpo.

Pela compreensão exata destas leis, o mago chinês pôde manipular as forças naturais. São leis simples e transcendentes. A segunda por exemplo, se enquadra perfeitamente, com o conceito mais moderno do campo elétrico-magnético.

Se em nós, estas duas forças, Yang e Yin, se mantiverem em equilíbrio, a Energia Vital (Tsri) que anima o corpo e seus órgãos, e que é da mesma natureza da Energia Universal, circulará livremente pelos 12 canais, que une entre si os órgãos — é a Saúde. Se o equilíbrio se rompe, a Energia Vital, não circulará normalmente — será deficiente (YIN) ou excessiva (YANG) — ou melhor, ter-se-á uma Moléstia-Yang ou uma Moléstia-Yin, que, segundo o órgão afetado, se revelará por uma sensação dolorosa, espontânea ou provocada, em determinado ponto da superfície cutânea.

Desta idéia-mãe, a Acupuntura chinesa tende a normalizar e reequilibrar o curso da Energia Vital, agindo neste ou naquele ponto doloroso, segundo suas correspondências — para provocar um efeito Yang — "tonificante" ou um efeito Yin — "calmante", ficando-se agulhas de cor amarela (OURO — YANG ou SOLAR...) no caso de se querer uma ação tonificante, ou agulhas de cor branca (PRATA-YIN ou LUNAR...) no caso de uma ação sedativa.

Na sua expressão mais simples a Acupuntura chinesa, se baseia em dois fatos substanciais: 1.º que há uma projeção sobre a superfície da pele com manifestações dolorosas, todas as vezes que se verifica uma rutura, ou uma diferença de potencial no condicionamento de Yang e Yin — criando-se em torno do órgão, ou melhor, em torno do ponto onde se produziu, uma zona de influência suscetível de impressionar a pele. 2.º a possibilidade de se exercer sob este ponto doloroso da pele uma ação curativa.

É bem demonstrado que a séde da dôr não se identifica sempre com a séde da lesão; tanto que a dôr, grande par-

te das vèzes, não é percebida no órgão doente e, sim, em pontos afastados do tegumento cutâneo, levadas por via reflexa (nervos sensitivos). Neste caso, a dôr irradiada na periferia, é um "reflexo", um sintoma indicador de um sofrimento distante. Para dar um exemplo, basta recordar que a Angina Pectoris, que tem por séde o coração, é revelada por uma dor no ombro que se estende pelo braço, antebraço, indo até o dedo mínimo. Ou ainda, a dôr na espadua que caracteriza a cólica hepática.

A pele — tem-se escrito — é a imagem das dores viscerais ou melhor dito, é o espelho onde se reflete a imagem dos órgãos internos. Mas esta máxima não poderia evidentemente ter uma expressão prática, se não se conhecesse, a exata projeção dos fenomenos internos, isto é, os pontos cutâneos dolorosos.

No seu trabalho milenar, baseado nos conceitos e nas leis já descritas, a medicina chinêsa identificou minuciosamente sôbre a pele, 787 pontos cutâneos (*Tsiue*) correspondentes a sintomas ou aos mais diversos estados dos órgãos internos, pontos estes, reunidos uns aos outros nos chamados "meridianos" (*Tsing*). Estes meridianos, são os canais (nadis, das tradições indianas) por onde circula *Tsri* (Energia Vital), em número de 12 simétricos, ou sejam, 24 ao todo. Distribuídos em duas séries: externos (*Yangs*) e internos (*Yins*) — correspondem-se entre si, e, às diferentes funções do organismo. A perturbação de um órgão interno, de um grupo de músculos ou nervos, se reflete sob determinado ponto cutâneo, distribuído como campainhas de alarme sôbre o meridiano correspondente (e não em outro), que se fazem sensíveis ou dolorosos ao tato e, assim sendo, a sensibilidade desaparece quando cessa o fenômeno morbido que a determinou. O conhecimento dos meridianos e dos pontos cutâneos — da qual tentamos dar uma idéia sumária, constitue a base fundamental da Acupuntura.

Além desses 12 meridianos simétricos, os chinêses, aponham outras 2 linhas suplementares, medianas: uma anterior, denominada "O Vaso de Concepção" — que vai do Pubis o queixo, dividida em 3 partes: a superior em relação com a função respiratória, a média em relação com a função digestiva e a inferior, com a função sexual e excretora. Estas 3 partes podem ser identificadas, na sua tradição mais oculta com os seguintes nomes: "A Sala Brilhante" — o centro superior da alma sensitiva — em relação com a "Câmara de Jade" (Mediastino). O centro médio-séde dos atos involuntários — onde está alojado o órgão solar, o fígado, e o órgão lunar, o baço e as "6 funções luminosas do intesti-

no". O centro inferior se identifica com o "Palacio Vermelho" — que contém o mistério da Primavera (o Utero) e os "2 princípios divinos". Estes 3 centros são governados por Yang.

A Linha posterior, é chamada "Vaso Controlador", vai da última vertebra coccigeana e sóbe ao longo da coluna vertebral e da cabeça, para descer pela testa e face. Esta linha está em relação com a-energia física e energia cerebral e moral.

Para a bôa pratica da Acupuntura, segundo a medicina chinêsa, é indispensável o perfeito conhecimento do "pulso", ou melhor dos "pulsos". Como se sabe, o pulso se toma sôbre a arteria radial, na chamada tabaqueira anatomica, mas isto, que para nós é um único pulso, para o chinês experimentando, se subdivide, em vez, em 3 zonas correspondentes a 3 pulsos de caráter diverso, em cada uma se apercebe uma pulsação diferente, segundo a palpação seja superficial, média ou profunda. O pulso chinês é em número de 14. Cada pulso corresponde a um determinado órgão interno, da qual o pulso pode revelar com suas modificações, as eventuais desordens e suas repercussões nos meridianos correspondentes e nos pontos cutâneos dolorosos.

A acurada indagação dos pulsos póde, pois, fornecer indicações preciosas para o diagnóstico da moléstia e a identificação do meridiano dos pontos cutâneos dolorosos e onde deve interferir a Acupuntura.

As aplicações terapêuticas da Acupuntura são demais numerosas; as aquisições científicas modernas confirmam as experiências seculares desta prática. Em primeira linha se afiguram as formas dolorosas de um modo geral — desde a cefaléa, até as mais variadas nevralgias; do lumbago à ciática; o reumatismo articular e muscular; a coriza, a sinusite e as anginas; algumas afecções do estomago, fígado e intestino; etc.

Estas considerações elementares e incompletas visam dar uma idéia do que vem a ser a Acupuntura, e quaes os seus fundamentos. Estes decôrrem de uma milenar tradição chinêsa, que nos fala da existência de duas forças eternas, antagonicas e equilibrantes, que tanto ágem no Macrocosmo (isto é, no Universo), onde provôcam a Harmonia das Esferas, como no Microcosmos, o homem, que, segundo tôdas as tradições existentes, foi feito à imagem e semelhança do Creador. Lógo, o homem ha de estar sujeito às mesmas Leis irrevogáveis do Universo. De fáto, de acôrdo com o hermetismo, o que está em cima é como o que está em baixo...

O que eram os bardos

Os bardos eram os poetas e cantores dos povos, que, como os gaulezes, os germanicos e os bretões, praticavam a religião druidica.

O druidismo tinha seu principal centro na Bretanha, onde os gaulezes enviavam seus filhos para se instruírem na arte e nos misterios d'essa ordem.

Em tôdas as principais povoações do reino havia colégios para a educação dos bardos. Quando o discípulo terminava seus estudos, que regularmente duravam doze anos, tomava o título de *Ollmach* ou doutor e podia aspirar as três dignidades reunidas de *Filea*, *Breistheamb*s e *Seanacha*, dignidades que, posteriormente, foram divididas por que era muito difícil cumprir simultâneamente suas diferentes obrigações.

Os *Fileas*, bardos de primeira classe, eram os poetas:

punham em versos os princípios da religião, animavam os guerreiros antes e durante o combate com *odes* e *canticos* bêlicosos e divertiam o povo nas festas públicas, contando-lhes em versos fabulosas histórias da antiguidade e de seus maiores. Nas guerras os *Fileas* marchavam á frente dos exércitos; vestiam uma tunica, levavam harpas e eram acompanhados por um grupo de músicos. Porém, durante os combates afastavam-se do campo de batalha, porque suas pessoas, eram consideradas sagradas e, de lugar seguro, observavam os feitos dos chefes para sôbre eles compor novos canticos.

A segunda classe, a dos *Breistheamb*s compunha-se de legistas. Estes bardos estavam encarregados de promulgar as leis, para o que cantavam em tom monotomo. Desempenhavam a um tempo as funções de juizes e legisladores.

Os *Seanachas*, bardos de terceira classe, eram antiquários e genealogistas de seus patronos.

Além d'essas três ordens, havia uma inferior, composta de bardos "instrumentistas". Chamavam-se geralmente, *Girfidigh* e acompanhavam os cantos dos bardos das ordens superiores.

POR VIR

(Continuação da pagina 10)

nimbus tempestuosos que não escaparam à perspicácia do meteorologista. Si, informada por esta ciência, a vítima tivesse permanecido, naquele dia, em casa, onde o perigo é sempre menor que no campo, ou nulo se protegida por um para-raios, e se tivesse se mantido envolto entre secas cobertas de lã, em lugar de colocar-se imprudentemente sob a árvore fatídica, o mortal acidente não teria sobrevivido. Morreu, pois, por ignorância, por imprevisão, temeridade, ou seja lá por que fosse, porém, mais ou menos, esteve em suas mãos evitar o acidente.

A frase fundamental da Astrologia — ciência hoje quase que ignorada, sobre a qual haveria muito que falar — cabe muito bem aqui: "Os astros (o Destino) indicam, porém, não obrigam"; o curso moral dos acontecimentos pôde sempre ser torcido pela vontade do homem. No exemplo citado a Natureza ia se transformando, ia se modificando pouco a pouco, até o desencadeamento do raio fatal, porém, no momento supremo, a ponta metálica poderia desviar o raio...

O erro, nestas questões transcendentais, resulta da falsa crença em um Deus Pessoal, caricatura impia, segundo H. P. Blavatsky, da Deidade abstrata, Desconhecida e sem Nome, espécie de Homem Superior à nossa imagem e semelhança, que sabe tudo quanto ha de vir, e daí as absurdas controversias medievais acerca do modo de conciliar a predestinação divina, que teria decretado "ab initio" nosso destino, com a liberdade humana para fazer o bem que nos salva ou o mal que nos condena. Admitida aquela Divindade Inefável, o Tudo-Nada, Oceano infinito donde emana e para onde tudo volve, e cuja Manifestação se opera através de todos os seres, as premissas mudam por completo. Na Natureza tudo é um perpétuo "devenir", um manifestar contínuo do Divino, ou abstrato, no concreto do espaço e do tempo, que é nosso plano-seção com a Eternidade e com o Espaço absoluto ou de *n* dimensões, porém a Manifestação, como o curso de um rio, pôde ser desviada, em proporção mais ou menos ínfima, pela vontade do homem que, no final de contas, é a manifestação mais elevada da Divindade no Terra.

O verdadeiro determinismo não tem outro sentido racional. Como o resultado de múltiplos fatores, nosso passado ou Karma, nossas emoções, nossa vontade mais ou menos forte, etc., vamos determinando ou produzindo o porvir de nossos atos, e tais determinações mais ou menos livres — nem totalmente livres, todavia, nem totalmente fatais — vão se cristalizando, até nos aprisionarem carmicamente em suas rêdes. O acontecimento, já fatal ou fatalizado, isto é, o "efeito", surge por fim, porém, um momento antes podia ter sido desviado ou evitado, do mesmo modo que aquele que cruza uma linha ferrea pôde se antecipar ou se atrasar um instante à passagem do trem. Livre era o criminoso até o instante de seu crime, instante este que o faz passar de senhor de seu destino a escravo de sua culpa.

O porvir pôde, pois, ser concebido como uma nuvem que se condensa, ou como uma teia, a teia misteriosa dos ensinamentos orientais, tecida pelas "Parcas" ou "Wornes" do Ocidente, porém, tecida com o fio livre que lhe damos com os nossos próprios atos. Inicialmente a teia não possui senão alguns raros fios informes, imprecisos, tenuíssimos. Pouco a pouco tornam-se fios cada vez mais próximos entre si, depois fios entrecruzados, "malhas" ou "mayas", por fim, nesta ficamos aprisionados como a crisálida. Aprisionados, entenda-se bem não mais que até certo ponto, pois que "maya" é ilusão, e malha significa rede, filtro por onde sempre se pôde escapar "mudando de estado". Não nos esqueçamos, com efeito, que mesmo os metais mais densos, como a platina, são méras "malhas permeáveis" para gases, como o hidrogênio e, com muito maior razão, para as vibrações eletro-magnéticas, etc. Daí o teosófico consolo e alento que pretendemos dar com estas linhas. Por terrível que seja o nosso Karma, por insolúveis que pareçam nossos problemas do futuro, sempre há uma porta aberta para a libertação; sempre há uma solução imprevista; sempre há um meio para que caiam, mágicamente rôtas, as cadeias de Prometeu.

O único fato que parece verdadeiramente fatal, que é o da morte, também pôde ser vencido como detalhadamente temos procurado mostrar em um de nossos últimos livros (2) porque a morte, como diria S. Paulo, é a maior, a mais terrível das mentiras.

(1) O presente artigo é do genial teósofo espanhol, Dr. Mario Rosa de Luna e foi publicado, em 1927, na revista Dhāranā, da Sociedade Teosófica Brasileira. Nota da Redação.

(2) "El libro que mata a la muerte, o libro de los Jinas". Nota da Redação.

A Musica Yogi

(Continuação da pagina 19)

ram ao seu proprio materialismo: que se sublinaram a tal ponto que acabaram por se identificar com o proprio Som ou Verbo Creador.

As pessoas que se interessam pela boa musica, quando cercados por outras circunstancias especiais podem atingir o mais elevado Mundo do Som, graças ao poder arrebatador da Musica.

Os sufis se transportam e se perdem neste Som, chamando a isto de Masti (êstase). Os poderes ocultos vêm por si mesmos, depois deles terem experimentado esta condição de êstase, assim como todo conhecimento da existencia visível e invisível se lhes aparece.

Quasi todos os grandes musicos do Oriente tornaram-se tambem grandes Santos, pelo poder da musica. Os ultimos grandes musicos da Índia, como Jansen e Moulā Bux, foram um belo exemplo de perfeição espiritual alcançado através da ciencia musical.

PENSAMENTOS DE SHRI AUROBINDO

Todas as religiões têm ajudado a humanidade. O paganismo aumentou no homem a luz da beleza, a amplitude e a altura da vida, a tendência para uma perfeição multiforme. O cristianismo, lhe deu uma visão da caridade e do amor divino. O budismo ensinou um nobre meio de tornar sabio e mais puro. O judaísmo e o islamismo, o modo de ser religiosamente fiel em ação e em devoção a Deus. O induismo abriu as mais vastas e profundas possibilidades espirituais. *Seria extraordinario, seria grandioso, se todos esses caminhos de Deus pudessem abraçar-se e fundir-se em uma só coisa; porém, o dogma intelectual e o egoísmo cultural, frutos da ignorancia humana, impedem tal desideratum.*

Todas as religiões têm salvo certo numero de almas, todavia, nenhuma foi capaz de espiritualizar a Humanidade. Por isso, não e o culto e a crença que é necessario, sinão, um esforço contínuo de transformação interior e desenvolvimento espiritual de cada um.

As transformações que, atualmente presenciamos no mundo são intelectuais, morais e psiquicas, em seu ideal e em sua intenção. A revolução espiritual aguarda a sua hora, enquanto que os seus sinais precursadores surgem por toda a parte. Enquanto ela não chegar, o sentido das transformações não poderá ser compreendido: ate lá, todas as interpretações dos acontecimentos presentes e todas as previsões do porvir humano, são vãs. A natureza, o poder e o advento da revolução espiritual, determinarão o proximo ciclo de nossa humanidade.

Palavras de Láo-Tsé

Perfeição humana é sempre imperfeição; é irrealizável.

Plenitude humana é sempre vazio. Retidão humana é sempre obliquidade.

Saber humano é sempre estupidez. Arte humana é sempre tartamudez.

Movimento vence o frio. Calma vence o calor.

O Absoluto é o ideal do Homem.

O que está em sua Linha Réta é como o recém-nascido:

Não teme a picada dos insetos venenosos. Não teme a garra das bestas selvagens.

Não teme a garra das aves de rapina. Seus ossos são brandos, seus tendões delicados; porém, agarra firme.

Não sabe nada da sexualidade; porém, seu membro se excita.

Sistema perfeito!

Pode gritar todo o dia, que sua voz não se porá rouca.

Automatismo perfeito!

Conhecer o automatismo da vida significa ser Imortal.

Conhecer a natureza da imortalidade significa Claridade.

Conhecer sua vida significa Decadência.

Pensar em sua vida significa Força Bruta. E força significa também decadência.

Está fóra do Caminho. Fóra do Caminho tudo decái.

O homem nasce debil e delicado, morre forte e rijo. A planta nasce delicada e flexível, morre inflexível e dura.

Portanto:

Força e rigidez são os atributos da morte.

Debilidade e flexibilidade são os atributos da vida.

Logo:

Força armada não significa vitória.

A árvore também é abatida...

Grande e forte é o baixo

Doce e debil é o alto.

Em S. Paulo o Presidente Cultural da Sociedade Teosofica Brasileira

Desde o dia 4 do corrente, encontra-se nesta cidade o Professor Henrique José de Souza, Presidente cultural e espiritual da Sociedade Teosofica Brasileira, que veio em visita à Sociedade Cultural e Espiritualista "Cruzeiro do Sul", de São Paulo, Sociedade Cultural e Espiritualista Sto. André, de Santo André e Instituto Cultural Roso de Luna, de Campinas.

O ilustre viajante tem sido homenageado por inúmeros amigos e membros dessas Instituições que são representantes da grande corrente da Sabedoria Tradicional das Idades.

TUDO o que morre cai na vida. Nenhum corpo, nenhum ato, nenhum pensamento pode cair fóra do Universo, do tempo, do do espaço... onde a vida existe sempre. A dificuldade está apenas em saber morrer, para poder VIVER no verdadeiro palco cênico da REALIDADE.— H. J. SOUZA.

O que dizem os Livros

(Conclusão da pagina 13)

palavra, linha por linha e pagina por pagina,

Minha ambição, meu ideal, é possuir uma biblioteca em um jardim. Flores e livros! Perfumes e sentimentos! Idéias e côres.

Temo a morte porque virá interromper minhas leituras. Quantos livros se publicam depois que eu deixar de existir! Que boas e belas cousas se imprimirão que eu não ei de poder ler! Isto me desespera.

Oh meus queridos livros, vossos serão meu coração, minha inteligência e minha vontade! Não me faleis de mulheres, de fortuna nem de honras; dae-me livros, mais livros, sempre livros. Quando soar a hora de minha morte e começar minha agonia, não me digais palavras de consôlo, não choreis; si me amais, si quereis que morra feliz, e a eterna sombra se ilumine, e o reino da morte me seja querido, abri os Diálogos de Platão, e com voz clara, vibrante e sonora, lêde-me o de Phedon sobre a Imortalidade da alma.

—000—

(*) Nota da redação: Esta crônica é de um exímio escritor que se oculta sob o pseudônimo de Malatesta. Sua publicação neste numero de O LUZEIRO tem a significação da abertura do "pano de bôca" de um teatro, em cujo palco desfilarão, sucessivamente, os melhores autores e os melhores livros aconselhados aos estudiosos de Teosofia e Ocultismo. E, desta forma, os amigos leitores poderão ter uma idéia do que dizem os livros, mas, desta vez, sob um outro aspecto.



'Toda a nossa historia está ESSENCIALMENTE falsificada desde o momento que deixou de se apoiar na arcaica simbologia historico-religiosa, e, portanto, embora em mãos de quem tão formosas idéias tem expressão (C. Cantú), resulta a mais cruel mistificação conciente ou inconciente da verdadeira Historia, cujas chaves é mister buscar-se às vezes nada menos que na fábula, no mito, em suma, no SIMBOLO, se quisermos alcançar a Verdade Verdadeira, através da roupagem de mentira, com que tem vindo até o presente.

M. Roso de Luna



No antiquissimo e transcendente livro indiano AGRUCHADA-PARIKSHAD pesquisaram vários sábios imortais como Jacoliot, Kapila, Brinaspati, Vyasa, Sumanti, Djeminy, Katyayana, Panini, Patanjali, etc... Foi essa uma das fontes onde KARDEC, o "pai" do Espiritualismo, bebeu a doutrina que divulgaria mais tarde no Ocidente:

Nos Vêdas encontramos a prova de que a 2.000 anos A. C., os sábios indús conheciam a esfericidade da terra e o sistema heliocentrico, o que não ignorava Pitágoras, por te-lo apreendido com os Mahatmas indús, nem seu discipulo Platão.

Isis sem Véu



Bem facil é chegar-se a um acordo com o ignorante; mais facil ainda com aquele que sabe distinguir as coisas; porém, a um homem enfatuado e de saber insignificante, nem mesmo Brahma é capaz de convencer.

(Do Niti-Xataça de Bhartriciari)

Veritas

É o título do novo jornal que os membros da SOCIEDADE TEOSOFICA B ASILEIRA vem de fundar para semicar no Sul de Minas a Sabedoria Tradicional das Idades

COMPOSTO E IMPRESSO NA Tipografia TAMOIO
Rua Sig. Campos, 645 -- Fone 663 (p.f) - STO. ANDRÉ

O NAVEGANTE SOLITARIO

(Conclusão do numero anterior)

Certa vez, num dia sombrio, o navegante passeava o seu barco ao pé da montanha. Subitamente, na encosta do morro, avistou o brilho suave de um Raio de Luz. Era como o sorriso com o qual sonhara. E sentiu uma profunda saudade do rosto de alabastro da boneca. De repente, atraído pela montanha, o navegante começou a se aproximar de suas faldas...

"Sobe! Sobel parecia gritar-lhe no peito o coração saudoso. Era como a voz de um moribundo, pedindo socorro... Pela primeira vez, após dias meses e anos, o navegante solitário ancorou num dia de névoa. E saltando sobre o dorso da montanha, pôz-se a caminhar...

Caminhou. Subiu, escalando pedras e rochedos... Sob seus pés, rolavam ruidosamente pedras e torrões. Seixos afiados cortavam-lhe e feriam a sola. Mas ele subia sempre. Quanto mais alto, maior o numero de flores que despontavam. E bem no alto, dansava um lampejo, como um sorriso divino de misericórdia, chamando chamando... E o coração do nauta almejava ardentemente por aquele sorriso... O sorriso divino de misericórdia...

Forte era o navegante solitário! E enquanto subia, sua força também crescia. E seu pranto afetoso transforma-se pouco a pouco num grito de alegria...

E ele teria alcançado o cume da montanha, a fonte de vida, teria o Raio de Luz, não fosse um pequeno pensamento que, de subito, lhe relampejou no cerebro:

— Como estou longe delal! Quanto já ultrapassei a saudade de minha boneca!

E virando-se, por um momento, ele viu: Lá estava a boneca, postada no convez do barco, de braços erguidos. No rosto branco de alabastro, pairava um sorriso gracioso e suplicante. E nos olhos, tanta saudade, tanta dor...

Como acontecera esse milagre!

E o navegante solitário tornou a descer...

— Tu me abandonaste, disse-lhe a boneca, cuja voz ressoava

como a mais fina harpa. E em mim brotou uma saudade. Uma dor maravilhosa despertou dentro de mim... E esta tornou-se a minha alma! Vê! Eu vivo! Eu vivo!

E calidos raios de ouro cintilavam sob os seus cilios sedosos.

Feliz o nauta estreitou-a nos braços. Com os labios ardentes, beijou-lhe a fronte e as tēmporas latejantes... E com o coração inebriado de alegria, auscultou-lhe o coração. Fitou ardentemente as veias azues sob as tēmporas da boneca, sem conseguir despregar os olhos dela.

— Ela vive! Ela vive! Lateja o séu coração!

Mas entre seus braços, os labios da boneca contrairam-se, fechando-se... Seus olhos tornaram-se limpidos, como um céu perennemente azul e tranqüilo... Imobilizaram-se-lhe as tēmporas... Calou-se-lhe o coração. Nos braços dele, ela transformou-se de novo em boneca... E de novo ele a fechou no armario da única cabina. E mais uma vez ele correu montanha acima, para contempla-la de novo.

E desde esse dia, nenhum navegante tornou-se a ver o marinheiro solitário. Ninguém sentiu saudades dele. Dizia uns:

— Era um homem estranho! Tinha os olhos turvos... Flutuava sobre as águas, levando consigo uma espécie de segredo terrível.

— Era um portador de felicidade! Pensavam outros, que sofriam de enjôo.

— :: —

Ao pé da montanha, à sombra dos ciprestes, está o barco ancorado... Verde, coberto de limo... Dentro d'água, nenhum peixe o teme. Não assusta nenhuma gaivota no ar... Nas suas frestas, os pássaros fazem ninhos. E o navegante solitário caminha, dias após dias... Sobe e desce... Desce e sobe... Quando atinge as alturas e vira-se para o barco, a boneca revive. Quando desce e a estreita em seus braços, o milagre se extingue... E o pincaro da montanha o chama!... Este, não atingirá o RAI DE LUZ.

A PALAVRA "VOLÚPIA" E SEUS DERIVADOS (1)

(Conclusão da pagina 9)

seja a da carne. Por isso trazem sempre consigo o véu ou crêpe, tecido por mãos de hárpas, nas sombrias cavernas do Orco.

Tudo isso é de uma grande transcendência, pois representa argumento esmagador contra as calúnias de certa religião, que não é a melhor nem a mais antiga, nem possuidora de maior número de fiéis, e quando critica as demais, tem ocasião de dizer que "as huris alcorânicas, as valquírias nórdicas, as deusas dos panteons védico ou jaino, etc., não são mais do que uma prolongação dos prazeres voluptuosos da Carne pecadora nesta Terra". Esta afirmativa, tão falsa quanto injusta, esboroa-se — como se fôra um "castelo de cartas" — pois, de acôrdo com a própria ciência, a tradição, a mitologia e a etimologia, tal "voluptuosidade" não deve ser tomada no sentido carnal, mas no puríssimo e estático, como assinala, por exemplo, a seu Céu, o Catholicismo, que o completa com as "11.000 virgens", que em nada diferem, portanto, das que foram anteriormente apontadas...

Finalmente, tudo quanto fica desenvolvido neste capítulo, não deixa de corroborar a advertência ocultista da autora da Doutrina Secreta (Tomo III, pages 389 e 410) de que "conforme fôr interpretado o simbolismo de Psiquê e Eros, ou do "Cavaleiro andante e sua Dama" (muito bem ridicularizado por Cervantes no seu *D. Quixote*) no morto sentido da "simples união carnal", ou no transcendente já antes comprovado, cair-se-á fatalmente na Magia Negra ou Branca, isto é, no Caminho sinistro das "almas gêmeas", ou no da Direita, das "hipóstases divinas"...

Sim, porque a interpretação do mistério da "divina parrelha primitiva", que se repete no começo de todos os ciclos raciais, através da escolha da SEMENTE *manúsica*, não é para qualquer mentalidade, sob pena de, como aconteceu a Anatole France e outros escritores e poetas, que o tomaram no seu sentido puramente sexual, tornar-se de fato obra de

Magia Negra, pois, além do mais, serve de exemplo ou repercussão grosseira em mentalidades débeis ou de "impúbere psíquicos".

Não foi por outra razão que a própria *Rosacruz alemã* condenou o gesto de seu insigne membro, o famoso compositor Wolfgang Amadeu Mozart, por ter musicado o *Don Juan* de Molière, ou "dado vida e forma ao personagem libertino", que se apresenta em tôdas as épocas e por todos os cantos, arruinador de lares, e provocador de crimes. "Espectro humano do próprio Demônio!".

E assim, desde o momento em que aquele "Homem da capa preta" lhe encomendou o Réquiem, foi ele possuído da idéia obsessora de "que a sua morte estava próxima". Compreendeu então que D. Juan é amor ilícito, venal, criminoso e trágico!...

Dentre outros Homens de cultura e valentia, verdadeiros *Jinas* e *Kshattriyas*, sobressaiu o vate lusitano Guerra Junqueiro, escalpelando em regra o "D. João de Fancaria", seja de Molière, Byron, Rabelais ou Paul de Kock. Que outros apareçam de lança em riste para continuar o combate contra os que ainda perduram...

De fato, o único e verdadeiro Amor é o da mística "Volúpia", o da união com a própria Consciência, *Pedaço de Deus, Fragmento do Universo!*

Amor, Roma, Mora, Mors ou MORTE!

(1) Este artigo de LAURENTUS, assim como o que foi publicado em o primeiro número de "O LUZEIRO", foi extraído da magnífica obra publicada pela Sociedade Teosófica Brasileira, intitulada OCULTISMO E TEOSOFIA. (Nota da redação).

(2) Sattva, Rajas e Tamas, segundo as escrituras orientais, são as Três GUNAS, ou qualidades de matéria. Sattva é o ritmo, o equilíbrio; Rajas, a atividade, a energia, a força centrífuga; Tamas, a inércia, a obscuridade, a força centrípeta — na mesma razão das Três Normas (ou Parcas) mitológicas: Clotos, Laquesis e Atropos. A primeira fiava, a segunda mantinha a roca, e a terceira cortava o fio. As religiões, se tais coisas soubessem, logo lhes acudiria: Céu, Purgatório e Inferno. Segundo nossa própria teoria, Sattva, Rajas e Tamas são os três AKASHAS: Superior, Médio e Inferior, que fazendo, que fazendo, que fazendo o sentido cabulístico do "Quod superius, sicut quod inferius". Nesse caso, a matéria que separa o mundo divino do terreno é a do Akasha médio, ou o Raio da teoria oriental das três Gunas e assim por diante. (Nota do autor).

LEONARDO DA VINCI

Prof. Luiz Eduardo da Silva Machado

Em abril de 1542 — nascia na cidade de Vinci, Italia, o prodigioso, o grande, o inextinguível Leonardo Da Vinci. Pela sua sensibilidade estética, pelo seu poder de observação, pela sua intuição da causa real dos fenômenos, destacou-se Leonardo como pintor, excultor, cientista, técnico, sintetizando em si tôda a cultura da época, e, ao mesmo tempo, lançando os germens que, mais tarde, iriam ajudar a construir o acervo cultural da civilização moderna.

Não somente na pintura e na escultura se revelou o mestre dos mestres, mas, também, nos terrenos da ciência, tanto da mecânica, da física, da biologia, da engenharia, como na própria astronomia, se patenteia a sua figura impressionante que, baseando os seus princípios na observação natural, na experimentação, logrou descobrir leis que somente os séculos futuros iriam reconhecer como expressões corretas de traduzir os acontecimentos naturais.

Na astronomia, antecipou-se às doutrinas de Copérnico; meditava sobre as dimensões da Terra, sobre a configuração das estrelas, da natureza da luz emitida pelo Sol e pela Lua, chegando a enunciar princípios que só a astronomia moderna admite como verdadeiros.

Tomado de verdadeira paixão pela mecânica, tanto a abstrata como a aplicada, pela primeira vez, indica o processo analítico da composição e decomposição de forças, descobre as leis do plano inclinado, enuncia com precisão a lei da inércia, verifica o princípio da ação e da reação e, concebe a idéia do movimento relativo. Tais princípios e conclusões são, no entanto, apresentados nos compêndios sob a denominação de outros pesquisadores, todos posteriores ao grande Leonardo, como os princípios de Kepler, de Newton, de Galileu, etc..

Na hidrostática enuncia, 150 anos antes de Pascal o teo-

rema que é estudado sob a denominação de princípio de Pascal: — "as pressões, em um fluido, se transmitem integralmente e em todos os sentidos". Verifica o paradoxo hidrostático, atribuído a Stevinus, reconhece a pequena compressibilidade dos líquidos, o que só foi reconhecido pela ciência, relativamente há pouco tempo; descreve os fenômenos capilares, enfim, quase tôda a mecânica dos fluidos, tal como a estudamos hoje, já era conhecida por Leonardo.

Na ótica, estudou com admirável detalhe o olho, descobrindo o papel da íris, do cristalino, aplica as lentes como lupas e descreve a formação de imagens no globo ocular, como fato análogo ao que sucede com a câmara escura, da qual foi o primeiro a dar explicações satisfatórias.

Durante tôda a sua vida procurou descobrir o modo do homem lograr os céus, construindo, ainda que em vão, a primeira máquina de voar. Idealizou o paraquedas; a lista de suas invenções é tão numerosa que nos perderíamos classificando numericamente o que descobriu, ou o que sugeriu como possibilidade.

Jamais se encontrou, reunidas num só homem, tantas e tantas aptidões, faculdades que se manifestavam através de campos diversos da arte e da ciência.

Acusado de feitiçaria, inquirido pelos padres inquisidores, por adquirir cadáveres para estudar anatomia, ciência em que se manifesta como precursor, Leonardo é hoje reconhecido e tôda a humanidade se ajoelha aos seus pés, vendo nessa figura que se alevanta ao século, se agiganta pela eternidade, o símbolo vivo, a imagem imperecível da própria sabedoria, da estética, da Verdade e do Belo reunidos em uma só entidade, como manifestações complementares de uma mesma realidade, da Causa sem causa de tudo o que existe: — o primeiro motor, princípio que Leonardo admitia como sendo a origem de tudo, a força que mantém e que vivifica tôda a criação.

Não poderíamos escolher melhor assunto que este para iniciar a série de pequenos artigos sobre ciência; além disso é uma homenagem que prestamos ao gênio, sem par na história da humanidade, que completa em 1952 seu quinto centenário.

A Musica Yogi e Suas Virtudes

A musica oriental está baseada inteiramente em princípios filosóficos e espirituais. A musica indú, por exemplo, teve como inventor a Mahadeva, o Senhor dos Yogis, sendo Parvati, sua amada consorte, quem a executava. Também Krishna, a encarnação divina, foi um musico extraordinario, que encantava aos Mundos com as melodias de sua flauta e que fazia com que os yogis dansassem sob o encanto de sua musica; este entretenimento foi chamado Raslila, a execução musical sagrada.

Bharata Muni, o grande santo indú, foi o primeiro autor de obras musicais. Místicos como Narda e Tumbara, foram grandes musicos. O Céu dos indús se supõe ser a Grande Opera do Mundo Espiritual, onde Indra, o Deus dos Céus, se diverte ante o classico canto dos Gandharvas e a dansa das Apsaras.

Todo o sistema religioso e filosófico indú está baseado na Ciencia das Vibrações. Para eles, o SOM é Deus.

Como diz o sufi Shams Tabraz, em sua poesia sobre a Creação: **todo o mistério do Universo reside no Som** fesse fato está consignado no Alcorão assim

como na Biblia dos cristãos. Nesta, encontra-se, no Evangelho de S. João: "No principio era o Verbo (ou o Som), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Etc.

As vibrações mais sutis vão se densificando através dos sete planos da manifestação física. As vibrações espirituais convertem-se em físicas, no seu aspecto mais grosseiro. No sentido mais elevado, Espírito e Matéria são a mesma coisa. Do mesmo modo que o Espírito, na sua descida, se converte em matéria pela lei das Vibrações, também existe a possibilidade de que a matéria se eleve até o Espírito. Os grandes yogis e sufis sempre alcançaram seus fins (a Suprema Realização), utilizando-se a si próprios graças à práticas especiais (tambem chamadas yogas) onde a Ciencia dos Sons é manejada com invulgar sabedoria.

O som dos instrumentos e o da propria voz humana é uma expressão, ainda que grosseira, do Som Inefavel, do Som Universal da Harmonia das Esferas que só pode ser percebido por aqueles que transcende-

(Continua na pagina 16)

HORÓSCOPO

Destino e carater dos nascidos sob o Signo de Léo

(De 21 de Julho a 20 de Agosto)

As pessoas nascidas quando o Sol está neste signo, são fortes, dominadoras, generosas, ambiciosas e fieis, tendo emoções muito profundas.

Possuem bom desenvolvimento intelectual e moral, expressando uma natureza atrativa e simpática, sentindo e harmonizando-se com os outros de um modo unico, mas, quando não possuem bom desenvolvimento moral, são exaltadas e violentas, geralmente escravas de suas paixões.

O caracteristico principal dêste signo, é a **confiança**, e as pessoas deste signo são muito confiantes, julgando todos bons e puros, até que o contrario lhe fique provado, sentindo então vivamente quando sua confiança foi mal colocada.

As pessoas de Léo tem objetivos muito elevados e, por consequinte, seus ideais raramente se realizam. Em certos casos são utopistas, procurando a perfeição em tudo. Quase nunca são reservados, preferindo os arranjos francos e abertos, mesmo que êstes tenham por consequencia, a explicação de coisas falsas ou falsificadas.

Quando foram muito enganados ou desiludidos, têm disposição a se tornarem altivos e desprezadores, mas são sempre magnanimos e clementes.

Todas as pessoas de Léo procuram realizar seus ideais e, conforme sua natureza confiante e ambiciosa, sentem que tem certa importancia. Este signo promete êxito na vida, provavelmente pelo magnetismo pessoal e pela facilidade de adaptação às circunstancias.

Quanto maior for o dominio de si mesmo, mais completo será o êxito. As pessoas de Léo desejam sempre estar à frente das coisas, pois são capazes de mandar e assumir a autoridade.

Governam por um sentimento intimo particular que os outros não possuem, de modo que, neste ponto, tem vantagens sobre os outros. São bons diretores, organizadores, oficiais e, às vezes, excelentes médicos, em geral sobressaem nas ocupações que dão prazer e alegria aos outros.







A primeira parte da vida nunca é tão favoravel

como a segunda e, colhem sempre o resultado dos proprios esforços.

Podem harmonizar-se no casamento com maior parte das pessoas, sendo menos felizes com as nascidas de 2 de Dezembro a 20 de Janeiro, de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro e de 23 de Outubro a 22 de Novembro.

As mulheres deste signo são apaixonadas, generosas, simpáticas, tendo inclinação para governar.

Existem três classes de individuos nascidos sob signo de Réo, como mostra o quadro abaixo.

 	<p>Os que nascem de 21 a 31 de Julho:</p> <p>São sociaveis, afetuosos, firmes e fieis, porem apaixonados e de carater mais ou menos violento. Gostam da vida social.</p>
 	<p>Os que nascem de 1 a 10 de Agosto:</p> <p>São confiantes em si mesmo, ambiciosos e imperativos e se elevam pelos seus proprios esforços. Das três classes de individuos nascidos sob o signo de Léo, são os mais aptos para organizar, sendo chefes e diretores natos.</p>
 	<p>Os nascidos de 11 a 20 de Agosto:</p> <p>São filosofos, filantropicos e simpaticos, ardentes nas afeições e amaveis nas palavras. Inflexiveis e aventureiros. Aptidões guerreiras e governamentais.</p>

OS 10 MANDAMENTOS DA VIDA DE UMA COMUNIDADE

- 1.º — **Sê altruista!** Pois vives no seio da Comunidade; vive tua vida, não para proprio gozo, sinão para a coletividade.
- 2.º — **Sê formal!** Toma todas as cousas com seriedade; a ti mesmo, teu trabalho e ao dos teus companheiros.
- 3.º — **Sê alegre!** Contribue para proporsionar à Comunidade horas de regosijo. Não te esqueças da força da alegria.
- 4.º — **Sê obediente!** Sacrifica teu capricho em bem da Comunidade; ela tambem te suporta!
- 5.º — **Sê afetuooso!** Não firas teus companheiros com tua dureza; se sempre amavel para com eles.
- 6.º — **Sê educado!** Conserva a correção ainda na linguagem.
- 7.º — **Sê honrado!** Tudo quanto digas ou escrevas deve sair de ti mesmo. Nisso deverás ajudar teus companheiros.
- 8.º — **Sê confiante!** Confia em teus companheiros, pois eles têm confiança em ti.
- 9.º — **Sê nobre!** Não negues a teus companheiros o que tenham melhor do que tú.
- 10.º — **Sê fiel!** TRABALHA EM TI MESMO. És um membro de tua Comunidade. Si em uma cadeia um só élo cêde, a cadeia inteira se rompe.

(DHARANA)
Orgão Oficial da S.T.B.

 **Leia, Assine e Divulgue o Luzeiro**